

O que arde na compe

A última tentação do cineasta Abel Ferrara, um filme que uiva de forma irremediavelmente íntima, solitária, abre a nossa escolha dos filmes a concurso no Lisbon & Sintra Film Festival

Cinema Vasco Câmara

Se a competição do Lisbon & Sintra Film Festival é feita maioritariamente com uma selecção de 12 longas que fizeram alguns dos acontecimentos das secções paralelas dos principais festivais de cinema do mundo, o filme que abre hoje as hostilidades figurou no palmarés principal de Cannes: *Little Joe*, de Jessica Haustner (prémio de interpretação a Emily Beecham). É uma montra das alternativas propostas ao *mainstream* em 2019, inclui nomes que já são ilhas no centro, como Bertrand Bonello, recém-chegados como o português Gonçalo Waddington (*Patrick*) ou vozes que vêm exibindo o seu virtuosismo, como o chinês Diao Yinan (*O Lago dos Cisnes Selvagens* competiu em Cannes). Sem desprimor para qualquer desses e doutros títulos, eis uma escolha pessoal – começando com um filme irremediavelmente íntimo, a última tentação de Abel Ferrara.

Tommaso Abel Ferrara

Para quem duvida que se possa continuar a ser Abel Ferrara trocando-se o *crack* pelos *orecchiette* – dúvida de contornos metafísicos lançada pelo *Libération*, antecipando que o burguês que vive agora em Roma já não pode ter o calibre do cineasta que foi um toxicod dependente nova-iorquino –, a resposta é *Tommaso*: a angústia continua. Nele, Willem Dafoe inscreve-se na linhagem de homens que uivam de desespero nos filmes de Ferrara, como Harvey Keitel em *Polícia sem Lei* (1992), gritando à beira da extinção.

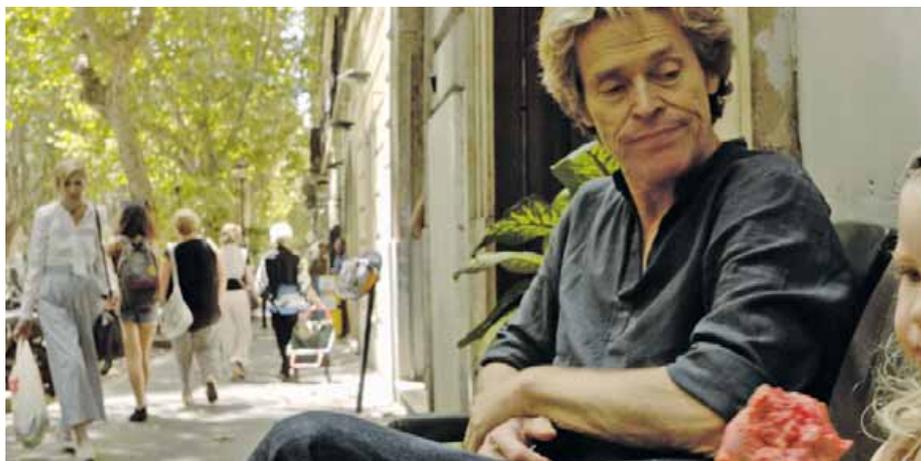
Se a conjugalidade tem sido o espaço a que se tem recolhido o cinema do realizador – *R-Xmas* (2001), *4:44 Last Day on Earth* (2011), até *Welcome to New York* (2014) –, forçado pelas crescentes dificuldades produtivas a trocar Nova Iorque pela

Piazza Vittorio de Roma, *Tommaso* é a prova de que o medo não foi afectado pela abstinência. Pelo contrário, e é agora no reduto da intimidade, e no seio de uma conjugalidade burguesa aparentemente serenada, que Ferrara progride no retrato dos casais assombrados e filma desta forma o pânico: as pulsões, tentações de outra vida que regressam. *Tommaso* está mesmo a ser invadido por imagens do YouTube. É ainda do domínio de Ferrara, mesmo cineasta sóbrio, a capacidade de extrair cinema assim do fantasma de um *home movie*, com um corpo com presenças, “ocupado”.

Numa casa em Roma, na realidade é a casa de Ferrara, um realizador (Dafoe) vive com a mulher e a filha (que são a mulher e a filha de Abel, Cristina Chiriac e Anna Ferrara). Trabalha e enfrenta as dificuldades de concretização de novo projecto (em tudo semelhante a um projecto que entretanto Ferrara finalizou, *Siberia*, de novo com Dafoe). E há seis anos que marcha nos passos da abstinência, que todos os dias tem de ser trabalhada.

Mas *Tommaso* sente a conjugalidade a esvaír-se, sente-se expulso do seu mundo: a filha veio substituí-lo nas atenções da sua jovem esposa, demasiado cansada para outros afectos, demasiado autónoma para o que ele acha que deve ser o ritual conjugal. O que vai projectar um caleidoscópio cada vez mais surrealizante que plasmará no ecrã, num alucinante final que é uma delirante *trouvaillle*, a vocação crística de Dafoe – se *Tommaso* é uma espécie de *Oito e Meio* de Ferrara, cineasta que chegou a ter um projecto de sequela de *La Dolce Vita* em Miami, teve aqui a partilha das fantasias do seu actor para concretizar a sua última tentação.

CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL. Auditório Acácio Barreiros, Terça 19, às 21h00
ESPAÇO NIMAS. Quarta 20, às 21h30



Tommaso, de Abel Ferrara; O Que Arde, de Oliver Laxe; Giants Being Loneley, de Grear Patterson; Atlantis, de Valentyn Vasyanovych e Balloon, de Pema Tseden

O Que Arde Oliver Laxe

É um filme de regressos: um pirónomo, Amador, finda a sua pena de prisão, regressa à aldeia galega onde vive a mãe. E com *O Que Arde* Oliver Laxe, cineasta nascido em França, mas a viver em Marrocos, regressou à terra dos antepassados para realizar a sua segunda longa-metragem de ficção. Regressar, disse Laxe numa entrevista, é estar disposto a reabrir feridas. E a escutar a raiva que ficou na paisagem. (E Laxe, um ano antes de começar a rodar, esteve 15 dias com uma versão reduzida da sua equipa a tentar escutar, da paisagem, que filme iria ali rodar).

A caminhada de Amador por entre os animais e os eucaliptos, enfrentando a desconfiança dos habitantes

da aldeia (“Amador, tens lume?”), é um implacável teste de acordo ou desacordo com a paisagem. Amador é uma personagem intensamente habitada. Mas lacónica – como que possuída, um mistério ambulante e um instrumento, como nos filmes de Robert Bresson. É uma sinalização possível de uma experiência que não se socorre de alibis psicológicos e que permanece insondável no momento da deflagração. Um filme é como uma invocação, diz ainda Oliver Laxe – “*et pour cause*”. Contou que, numa zona habitualmente atormentada por fogos, a rotação de *O Que Arde* fez-se, paradoxalmente, sem incêndios. A equipa sentiu que estava a ser testada. Finalmente, três dias antes de tudo acabar, *O Que Arde* teve direito ao fogo. O filme pôde ser concluído.



tição do Leffest



FOTOS: DR



ESPAÇO NIMAS.
Segunda 18, às 19h15
CENTRO CULTURAL OLGA
CADAVAL. Auditório Acácio
Barreiros, Terça 19, às 15h00

Giants Being Lonely Grear Patterson

Intenções do realizador Grear Patterson, pintor, escultor, fotógrafo, e do seu produtor Olmo Schnabel, para a narrativa que norteia a produtora ROD30 que pertence a ambos: “quality content for Gen Z”. Descodificando, a partir de uma entrevista de ambos à *Interview*: afastar a tecnologia e as redes sociais, investir no sentimento e no que é perene. *Giants Being Lonely* tem adolescentes mas não tem telemóveis. E é um filme sobre o eterno sentimento de fim na

adolescência. As indicações sobre este Sul dos Estados Unidos luxuriantes envolvente onde tudo se passa são difusas.

A natureza é um santuário – como nos filmes de Gus van Sant ou Terrence Malick. Um filme como *A Última Sessão* (1971), de Peter Bogdanovich, deixou por aqui também marcas evidentes. Vejam só: Van Sant (*Elephant* serviu de guião), Malick (*Badlands*, idem), ainda um filme da nova Hollywood que olhou para os anos 50, e também, segundo o realizador e produtor, *Fat City* (1972), de John Huston. Na banda sonora, tanto há Lou Reed como *Smalltown Boy* dos Bronski Beat. Isto poderia acentuar uma síntese referencial redundante, franqueando a auto-complacência, até porque o filme se movimenta como objecto luminoso

à deriva, fazendo o espectador tacitear na inescrutabilidade. Cremos mesmo que se diverte a não querer elucidar grande coisa sobre as personagens, Bobby e Adam, dois adolescentes de uma equipa de *baseball*, que são interpretados por dois irmãos, Jack e Ben Irving, que não são irmãos no filme e por isso, como se parecem tanto um com o outro, alimentam o difuso em *Giants Being Lonely*: as suas histórias podiam ser permutáveis, é como se Bobby e Adam fossem momentos diferentes de uma mesma condição. Isto, para dizer que tudo isso ajuda a não descolar *Giants Being Lonely* da invocação de um tempo mítico. Como se o *coming of age*, sensual e letal, cheio de vibração e de violência adormecida, se perdesse também nos confines do cinema.

ESPAÇO NIMAS.
Segunda 18, às 17h00
CENTRO CULTURAL OLGA
CADAVAL. Auditório Acácio
Barreiros, Quinta 21, às 15h00

Atlantis Valentyn Vasyanovych

O milagre, para Valentyn Vasyanovych, é encontrar numa sequência documental, “em que nada acontece”, vestígios “da vida”. *Atlantis* é uma ficção rodada com a câmara vigilante, expectante de um realizador que se iniciou no documentário, mas continua à procura disso. Poderia ser uma exibição, um *tour de force*, este filme escrito, dirigido, montado e fotografado pelo próprio Valentyn e que dá a ver um mundo apocalíptico que a *Zona do Stalker* (1979) de Andrei Tarkovsky, ajudou a recriar (ou os filmes de Ridley Scott ou a série *Mad Max... à chacun son cinéma...*). Mas *Atlantis* refreia-se a concretizar mais do que uma sugestão de ficção científica ou de fantástico que se cola à percepção do espectador. O programa é austero.

Estamos em “2025, um ano depois da guerra entre a Rússia e a Ucrânia”. A paisagem física e humana é um mundo desolado, morto. A determinação do filme, e é essa a possibilidade que descobrem também as suas personagens, é encontrar vestígios humanos. Conhecer personagens que não sabem que estão vivas e *Atlantis* procede com elas e com os seus actores, alguns deles pessoas a quem a guerra realmente aconteceu (como Andriy Rymaruk, que interpreta o veterano que se refugiara no mundo dos mortos, porque se sente incapaz de pertencer aos vivos), à exumação de uma história individual e colectiva. Como se verá, não é um horizonte metafórico o que se avizinha em *Atlantis*: há um programa de austeridade neste filme vencedor do concurso da secção *Horizontes* do Festival de Veneza 2019 que impede qualquer veiledade poética, qualquer forma de turismo humanitário.

CENTRO CULTURAL OLGA
CADAVAL. Auditório Acácio
Barreiros, Segunda 18, às 15h00
ESPAÇO NIMAS. Sexta 22, às 16h00

Balloon Pema Tsedem

Num perfil que lhe traça o *New York Times*, quando se encontrou com um realizador do Tibete formado pela Academia de Cinema de Pequim, Pema Tsedem alude aos iranianos Moshen Makhmalbaf e Abbas Kiarostami. Isto é, assume que aprendeu com eles o que é isso de ser um realizador a trabalhar dentro de um sistema de censura apertado. *Balloon* é de facto tocado pela sinuosidade do cinema iraniano, pelas suas curvas e contracurvas, o que é uma forma de resistência à tipificação e à simplificação. É o sétimo filme de um realizador de 49 anos, nascido durante o período da Revolução Cultural na província de Qinghai e que foi o único dos filhos de um casal de nómadas a aceder à escola. Começou por ser professor primário antes de ir estudar cinema em Pequim. Onde nasceu, só havia cinema ambulante. Chegava duas vezes por mês, quase sempre filmes revolucionários. Um dia chegou *Tempos Modernos* de Chaplin. Hoje Pema Tsedem tem tido para os seus filmes o apoio de Wong Kar-wai.

Já disse em entrevistas que é realizador porque gosta de cinema e porque quase sempre acha errados – porque sobretudo bem-intencionados a proteger uma suposta pureza – os filmes que se fazem sobre as comunidades tibetanas. Ora, é a incerteza, e a dificuldade de dar respostas – Pema diz que não as tem – que formam uma suave muralha de resistência contra o dogmatismo numa história, como esta, em que a modernidade intercepta a tradição. Em que as crenças de uma comunidade em relação à reencarnação – os mortos reencarnam dentro da família, ficando à espera de um nascimento no seio dos seus – são boicotadas pelas políticas de “filho único” ditadas pelas autoridades chinesas. Um preservativo faz a sua entrada numa comunidade rural do Tibete como um balão.

CENTRO CULTURAL OLGA
CADAVAL. Auditório Acácio
Barreiros, Terça 19, às 18h00
ESPAÇO NIMAS. Quarta 20, às 16h15

vasco.camara@publico.pt